

## A AMADORA, ALDEIA-LUGAR...

A Amadora, para não dizer a Porcalhota, «orgulhava-se de ser o centro de todos os lugarejos, por ser nela que havia tudo de melhor. As suas casas eram mais elegantes, embora também nela existissem pardieiros, que as pessoas foram melhorando com o andar dos tempos...Tinha casas apalaçadas, de primeiro andar e com dependências e quintas, e foi numa dessas casas de primeiro andar que foram instaladas as primeiras escolas primárias oficiais para os lugares que formam a Amadora de hoje...

Por baixo da escola do sexo feminino, no rés-do-chão, ficava a Casa da Bomba de apagar incêndios. A dita Bomba, tinha sido legada pelo Concelho de Belém, para



*Arco na Venda Nova*

uso de todos estes aglomerados. Um pouco mais tarde, no mesmo prédio onde esteve a escola do sexo masculino, também foi a sede da Sociedade Filarmónica...

*«Havia um comércio primitivo, com tendas, casa de pasto e tabernas, algumas destas com fama de bem cozinhar o saboroso coelho guisado à caçadora e algumas outras petisqueiras...».* (Santos Coelho)

Assim descrita, é ainda a aldeia-lugar que se perdeu, mas só no séc. XX. Aldeia-lugar em que tudo era no entanto, "moderno" porque contemporâneo do seu tempo e de muito bom gosto.

Aldeia-lugar com as suas tabernas-retiros, mas também com escolas masculina e feminina, com filarmónica e bamba contra incêndios, com a venda ambulante de peixes e outros frutos, com várias padarias e com um chafariz de boas águas. Com farmácia e um talho. Com sítios para os amantes burgueses darem uma escapada

"fora de Portas" tanto ao gosto de artistas, fidalgos e cavaleiros. Sítios como o mítico "Pedro Franco dos Coelhos", ou como a "Camareira", o "China" e o "José da Obra". Ou como a padaria do Manuel Peniche onde havia o melhor pão saloio a pedir meças ao pão do Narciso e ao do Salvador.

Com uns sítios para contrabandistas e outros "artistas", capazes de enganar a Guarda Fiscal instalada às Portas de Benfica ou de Queluz. Como os que freqüentavam a Adega do Camilo e os Capotes Brancos.

Aldeia-lugar com um enorme palácio a presidir a uma grande quinta, que era chamada, do Galvão.

Diz quem viu, que os seus salões e corredores eram decorados com artísticos painéis de azulejos, representando quadros onde predominavam os tons de azul e amarelo. Por fora, impressionavam os espaçosos jardins com escadarias de pedra, igualmente ornamentados a azulejos e a estatuetas molduradas por plantas e flores. Tinha jardim, mas também pomar e hortas e um bosque, de árvores gigantescas, à mistura com outras de menor porte que bordejavam num pequeno regato. Ao cimo ficava o pombal redondo para centenas de pombos.

O tempo fez dele abrigo dos velhos e vagabundos sem casa para pernoitar... Acima do pombal, pelo lado norte, ficavam as minas de água, conduzidas por conduta abobadada, acompanhada por bancos de alvenaria para repouso. Bancos lindos, com painéis de azulejos, a encantar os já belos recantos do piso ladrilhado que acompanhava a conduta. Em frente ao portal, havia uma enorme fonte de carranca, onde a água escorria para dentro de uma enorme bacia de pedra.

Água boa como não havia outra e que muita gente procurava para beber. Esta enorme quinta, acompanhava por quase um quilómetro, a estrada que seguia para o Alto Maduro. Foi cortada pela via férrea, entre a mina e a fonte da carranca. Deu depois lugar ao bairro da Quinta do Bosque.

Na Porcalhota de Baixo, ficava a Capela de Nossa



Aquarela de Roque Gameiro

Senhora da Conceição da Lapa, o Chafariz e, ao longo da estrada de Benfica, os sítios que mais tarde deram guarida ao Bairro das Cruzes, à estrada dos Salgados, à zona industrial e à Estação do Fomento Pecuário. Nessa capela festejava-se com foros, de grande romaria, o mártir São Sebastião. Era por Setembro e nas vésperas, a estrada até à Capela, aparecia engalanada por cordões de flores e verdes que rodeavam o pequeno adro, onde ficava o bazar e o recinto para o baile.

O coreto para a música era ao lado, num espaço reservado às tascas, onde não faltava o mexilhão, o coelho guisado e outros sabores, todos a puxar pelo vinho das pipas. Por ali apareciam os ceareiros, os moleiros e os padeiros, mais a sua gente, que dia de festa é dia de comer bem e beber melhor, todos unidos sem quaisquer diferenças. Numa das tardes, organizavam-se as "cavalhadas", uma espécie de torneio popular em que os pares simulam combates montados em cavalgadas.

A procissão, essa, era o momento mais aparatoso da festa religiosa. O mártir saía no respectivo andor. Mostrava as setas que o "martirizaram" e respondia assim a todos os que o encaravam, também eles marcados pela dureza da vida. Diz Coelho dos Santos, que temos vindo a seguir nestes retratos, que o Lugar da Porcalhota, teria então e quando muito, uns cento e tal fogos, ou seja, perto de 500 moradores.

Do centro do Lugar da Porcalhota, saía um caminho que atravessava o Lugar da Reboleira. O primeiro que se avistava num altinho, era um moinho, ao tempo chamado Lagueiro. Do lado de lá desse cume singelo, ficava a Reboleira, quase só um sítio para as duas azenhas que pareciam ter sempre estado ali...

A Reboleira era sítio ermo, que os "profissionais" do circo, ao que consta, aproveitavam para aí estacionar, antes da viagem para qualquer espectáculo na cidade de Lisboa.



Aquarela de Roque Gameiro